

OS SALÕES DA *BELLE ÉPOQUE*: UMA LEITURA DE MADAME POMMERY, DE HILÁRIO TÁCITO

Luciana Marino do Nascimento¹

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos tecer algumas considerações sobre um episódio específico ocorrido na *Belle Époque* brasileira – o surgimento dos salões e chegada das chamadas “judias polacas”, oriundas do Leste Europeu, que aqui desembarcaram, motivadas pelas promessas de casamento, mas que vieram a se tornarem prostitutas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Tudo isso é tematizado na narrativa *Madame Pommery*, de Hilário Tácito.

PALAVRAS CHAVE: Belle Époque, salões, Madame Pommery

ABSTRACT: In this paper, we intend to make a few remarks about a specific episode occurred in the Brazilian *Belle Époque* - the emergence of the arrival halls and the so-called "Polish Jews", coming from Eastern Europe, and they landed here because of the promises of marriage, but who would eventually become prostitutes in the cities of São Paulo and Rio de Janeiro. All this is thematized in the narrative *Madame Pommery*, by Hilário Tácito.

KEYWORDS: *Belle Époque*, salons, Madame Pommery

1. A modernidade e o surgimento dos salões

Em fins do século XIX e início do século XX, ocorreram significativas mudanças na configuração de nossas cidades, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, cidades que acompanhavam o ritmo da modernidade europeia, buscando-se o progresso, a modernidade e a “civilização”. O objetivo era fazer o Brasil ingressar no chamado “mundo civilizado”, reproduzindo o *modus vivendis* europeu com a adoção de novos tipos de lazeres e novas possibilidades de prazer e sociabilidade. Teve início, nesse momento, a frequência à vida noturna e, conseqüentemente, a entrada de novos personagens na cena urbana e literária, que, por seu turno, passam a serem vistos como “classes perigosas” pelas autoridades policiais e políticas, bem como pela população, em geral. A nova configuração das *urbes* ensejava o

¹ Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Pós-Doutora em Ciência da Literatura pela UFRJ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre.

passeio pelas ruas e avenidas, a diversão e a sociabilidade nas casas de espetáculo, nos cafés e nas confeitarias, bem como se instaura o *footing* para apreciação das vitrines dos magazines, com seus artigos de luxo, importados da França:

A ‘indústria do lazer’ possibilitou uma nova movimentação das ruas e, conseqüentemente, uma nova ordem urbana. Longe já se estava da época na qual as ladainhas, as novenas, as festas dos santos eram os únicos acontecimentos a quebrar a monotonia da nascente burguesia cafeeira (MENEZES, 1992 p. 23).

A modernidade, a qual tanto se aspirava, se materializava na tentativa de eliminação dos costumes tradicionais, os quais estavam associados aos tempos coloniais, bem como havia um esforço político em se construir uma imagem de uma cidade moderna. Por esse motivo, eram combatidas e perseguidas as práticas ligadas aos costumes populares, com a proibição de animais no perímetro urbano, a proibição às festas tradicionais populares e a demolição de cortiços, considerados insalubres. Tudo isso, ao lado da construção de grandes avenidas, teatros, cafés, cinemas e confeitarias, faziam com que as nossas cidades tomassem ares de embelezamento, ainda que a modernidade e o progresso tivessem sido implantados de cima para baixo e destinada somente às camadas mais privilegiadas.

Havia uma forte apologia ao refinamento, o que era expresso na elegância das lojas da Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro, nos automóveis em circulação na Avenida Central, na indumentária dos homens e mulheres das classes mais abastadas e, sobretudo, na adoção da língua francesa como signo de requinte e modernidade.

O mesmo processo de urbanização ocorreu em São Paulo. A sociedade paulistana utilizava-se do Politeama-Concerto, para ocasiões de Gala e era o *locus* onde se apresentavam os espetáculos mais modernos de então, oriundos da Europa. Esse teatro era frequentado por uma sociedade que adquiria poder e *status* com o desenvolvimento industrial advindo da economia cafeeira, que por seu turno, perseguia um ideal parisiense, conforme afirma Margareth Rago:

Camarotes, plateia e torrinhas ficavam lotados com a alta sociedade paulistana, estudantes da Faculdade de Direito, empregados do comércio e modestos negociantes italianos, seguindo uma hierarquização espacial e social ainda modesta frente àquelas que as décadas posteriores assistirão. No café-concerto, aproximavam-se os corpos numa atmosfera efervescente, circulavam pelas mesinhas e corredores, exibiam-se uns aos outros. (RAGO, 1991. p. 35).

Em São Paulo, com a nova aristocracia do café, desenvolveu-se também a prostituição de luxo, fruto da expansão do lazer noturno. Dessa forma, com a chegada das prostitutas estrangeiras, de diferentes classes e preços, se destaca um mercado de prazeres para a aristocracia e é por meio da figura da prostituta “francesa” que se corporifica uma prostituição sofisticada, pois nesta categoria estavam situadas as meretrizes nascidas e àquelas não nascidas na França, mas que possuíam ares de refinamento.

A iniciação sexual dos rapazes da aristocracia do café se dava pelas mãos da prostituta francesa, o que conferia modernidade e requinte aos costumes. A prostituição de luxo tomava, então, uma “função civilizadora” (RAGO, 1991), ao iniciar jovens nas artes da sedução, transmitindo ensinamentos sofisticados e boas maneiras aos provincianos e rústicos fazendeiros.

Modernidade e prostituição se encontravam atreladas, numa época em que muitas das camadas mais abastadas se esforçavam para criarem uma identificação com uma sociedade que fazia uma tentativa expressa em se sintonizar nos desdobramentos do ritmo da economia e da cultura europeias. (SEVCENKO, 2003). Nesse sentido, a personagem da *cocotte* se tornava destaque nos espetáculos dos altos círculos sociais acompanhadas de seus protetores. As atrizes dos cafés-concertos e dos cabarés animavam a cena noturna de São Paulo e lançavam a moda francesa. Sobre a prostituição de luxo, Margareth Rago assim se manifesta:

Sobre a cortês europeia, especialmente a “francesa”, lançavam-se adjetivações amedrontadas, olhares curiosos, gritos de alerta, pois aparecia como muito mais sedutora e experiente do que qualquer outra. Percebida como alguém proveniente de uma sociedade mais avançada, onde imperavam hábitos totalmente desregrados tornava-se temível e desconhecida aos olhos deslumbrados dos paulistas provincianos. (RAGO 1991, p.43).

Nos chamados frementes “anos 1920”, ocorreu uma transformação nos hábitos das camadas mais abastadas da sociedade paulista, com a sofisticação dos cafés-concerto, que por seu turno se transformaram em cabarés, nos quais se dançavam com as *cocottes*, se jogava pôquer, sendo que o chope foi substituído pelo champanhe francês. Na obra *Madame Pommery*, de Hilário Tácito, esta atmosfera moderna ganha forma na figura da prostituta, a qual dá título da obra e que administra um dos cabarés da cidade de São Paulo.

2. As Madames nos salões da *Belle Époque*

Na segunda metade do século XIX, o sexo feminino foi revestido por uma imagem demoníaca em muitas obras desse período, principalmente, em escritores, os quais alguns historiadores da literatura demarcam como realistas, a exemplo de Eça de Queirós, Flaubert, Oscar Wilde, entre outros, fator que se explica pelo contexto de uma época, voltada para descobertas das ciências naturais e sociais, o que caracterizou o determinismo e o positivismo em relevo nessa época. (PRAZ, 1997, p. 23). Ao discutir o imaginário cultural de fins do século XIX/início do século XX em relação à representação da mulher, buscamos fazer uma leitura da obra *Madame Pommery*, de Hilário Tácito, publicada em 1906, a qual poucos estudos fazem referência.

Merece estudo o livro de Hilário Tácito por problematizar a prostituição como uma questão social, além de também colocar um ponto importante: a prostituição das chamadas judias polacas, que chegaram ao Brasil, em início do século XX, fugindo da pobreza do Leste Europeu. Importante mencionar que as chamadas polacas, na verdade, não se referiam apenas às jovens polonesas que vinham para o Brasil, mas a muitas jovens oriundas de vários países do Leste Europeu, bem como polaca, passou a significar em sentido dicionário a prostituta. Tais fatores demonstram que houve uma rasura na identidade destas mulheres².

Então, esse foi um problema de identidade ficcionalizado por Tácito³ e que até hoje, está infiltrado no imaginário social, pois, há no Rio de Janeiro um cemitério antigo, que é o chamado cemitério da associação das judias polacas, fundado em 1906, ano da publicação da obra de Hilário Tácito.⁴

² Há um trabalho da Historiadora Beatriz Kushnir sobre o Cemitério das Judias Polacas do Rio de Janeiro, intitulado “Nomear é conhecer: as lápides das *polacas* no Cemitério Israelita de Inhaúma – um relato”. In: *História, imagem e narrativas* No5, ano 3, setembro/2007 – ISSN 1808-9895 - <http://www.historiaimagem.com.br>. Destacamos que a Historiadora Dra. Beatriz Kushner é grande estudiosa do assunto acerca da história da prostituição das judias polacas e de suas Sociedades Beneficentes de Ajuda Mútua, tendo sido a pioneira nesses estudos, com a publicação do livro “Baile de máscaras- Mulheres judias e prostituição”.

³ Menciono aqui que há um livro de Moacyr Scliar chamado *Sonhos Tropicais* que depois foi transformado em filme, que também tematiza a Judia Polaca.

⁴ *Madame Pommery*.



Fonte:<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/12/02/cemiterio-de-polacas-por-alexei-bueno-246514.asp>

Além disso, torna-se importante estudar a obra de Tácito pelo fato de que o escritor apresenta uma sintonia textual com outros autores de fins do século XIX, tais como Oscar Wilde, pois a personagem de *Madame Pommery* se assemelha em seu comportamento com a Salomé, de Oscar Wilde, que por sua vez, já absorveu esta personagem da Bíblia. Gilles Lipovetsky se refere às várias Salomés da literatura.

MADAME POMMERY

CRÔNICA MUITO VERÍDICA E MEMÓRIA FILOSÓFICA
DE SUA VIDA

FEITOS E GESTOS MAIS NOTÁVEIS NESTA CIDADE
DE SÃO PAULO

Com um perfunctório esboço biográfico em que pela primeira vez se registram as lendas e anedotas mais abonadas sobre o nascimento, infância e educação da mesma conspícua senhora;

baseada em documentos inéditos, memórias próprias e no testemunho respeitável de várias pessoas abalizadas que mais se avantajaram no seu trato e intimidade;

obra necessária ao perfeito entendimento de muitos fatos particulares, assim políticos como sociais, que resultariam, sem ela, de impenetrável obscuridade para o futuro historiador; e, por isso,

dedicada ao Instituto Histórico e Geográfico, à Academia Paulista de Letras, à Sociedade Eugênic¹ e mais associações pensantes de São Paulo;

COMPOSTA

POR

HILÁRIO TÁCITO

(Natural da Botucúndia)
em
1919

Assim sendo, a personagem de Tácito, Ida Pomerovsky, que adota o nome Madame Pommery, tem sua identidade reinventada duas vezes, primeiro, porque é classificada como Judia Polaca, segundo por adotar um nome afrancesado, com maior sonoridade para quem funda uma casa de nome “Paradiso Retrouvé”. Ainda, podemos observar a sintonia textual de Hilário Tácito a partir do próprio título do livro e depois pelo comportamento de Pommery, bastante semelhante à uma Salomé, “*femme fatale*”. (NASCIMENTO, 2003.p.85).

Hilário Tácito nos mostra uma sociedade que desejava se modernizar, deixando de lado, por exemplo, o consumo da cerveja, para incorporar ao cotidiano, o consumo do champanha, o que se pode observar em alguns fragmentos do texto e *Madame Pommery*:

Vendia-se cerveja, arvorada em bebida de gente fina, a dois mil-réis a garrafa. E achavam caro! O champanha, considerado um luxo de nababos, venerava-se nos armários com cerimoniosa devoção; e apenas descia deles em datas inesquecíveis, com estrondos escandalosos, cujos ecos, dilatados pela fantasia dos sobreviventes, se repetiam por largo tempo nas imaginações e nas conversas. [...]

O uso do champanha a trinta mil-réis a garrafa devia tornar-se compulsório. E a assistência profissional a ninguém seria prestada a menos de cem mil-réis. Os coronéis, em breves prazos, estariam ensinados e convictos que pagar mais barato é ignóbil, e não beber champanha uma torpeza. Então beberiam champanhadas e pagariam satisfeitos; pois esta casta de tipos não cede por nenhum preço a reputação de finos e dádivosos perante o mulhero. (TÁCITO, 1996, p. 21; 56).

De acordo com Gruman, a modernidade e a prosperidade se corporificavam pela grande “quantidade de produtos de luxo importados e pelo uso de vestimenta europeia por parte da classe média e alta no dia-a-dia”, tendo em vista que as camadas mais privilegiadas da sociedade dispunham de dinheiro para as viagens à Europa, de onde traziam as novas tendências culturais e sociais a serem imitadas, bem como o francês se tornou a língua estrangeira eleita e, conseqüentemente, Paris, a grande “referência intelectual e da moda.” (GRUMAN, 2006, p. 92). Tal qual na região Sudeste, em Belém e em Manaus, com a prosperidade advinda da exploração da economia gomífera, o jogo e a bebida se tornaram os divertimentos das elites seringalistas e o mais famoso café da capital do Pará se intitulava *Moulin Rouge*. (DIAS, 1999), o que nos mostra como o imaginário europeu se infiltrou, mesmo nas distantes terras amazônicas. O prazer e a sedução possuíam o estilo francês, com a companhia de prostitutas bem vestidas e possuidoras de joias, ou seja, o Brasil da *Belle Époque* refletia uma sociedade que buscava obliterar as várias identidades existentes, com a finalidade de adoção de uma identidade mais próxima da europeia.

A imagem da prostituta estabelecia o paradigma para o comportamento feminino da chamada “mulher de família” no espaço urbano, pois dentro de uma sociedade tradicional e positivista, objetivava-se manter a ordem familiar baseada em valores cristãos e burgueses, sendo a mulher, a matriz do lar, e o homem, o provedor do lar, mas ao homem era permitido utilizar seus instintos fora do ambiente do lar.

No polo oposto deste cenário, muitas vidas são pautadas pela carestia, pela miséria e pela exploração desenfreada de mulheres que ficaram conhecidas como “polacas”. Em fins do século XIX, passaram a ser recrutadas mulheres oriundas da Europa Oriental, ou seja, as “polacas”, de acordo com Gruman (2006) simbolizavam a imagem das mulheres das camadas

mais pobres e em geral, habitantes das regiões agrícolas e industrialmente atrasadas do continente europeu. Tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo o termo “polaca” significava a meretriz estrangeira, mas, não necessariamente oriunda da Polônia, mas dos países do Leste Europeu. O termo “polaca” abrangia uma gama de mulheres loiras vindas dos países da Europa oriental que o imaginário popular unificava em um único rótulo. No imaginário masculino, havia uma atração exercida, seja a polonesa, a austríaca, a russa ou a judia, constituindo-se um imaginário voltado para a atração por regiões distantes e de povos distintos, segundo Margareth Rago:

ocorriam histórias fantásticas de nobres, num país onde até então grande parte das prostitutas provinha dos continentes de escravas e ex-escravas negras, principalmente no Rio de Janeiro. Mulheres loiras, ruivas, claras, delicadas, de olhos verdes ou azuis tornavam-se mais misteriosas e inatingíveis para uma clientela masculina seduzida pelos mistérios fantásticos da vida moderna e impulsionada pelo desejo de desvendar física e simbolicamente os labirintos. (RAGO, 1991 p. 294).

O aliciamento de moças oriundas do Leste Europeu ocorreu pelo processo de empobrecimento daquela da região bem como na transformação profunda ocorrida nas áreas rurais do Leste Europeu, tendo em vista que nesta porção da Europa não se conseguia acompanhar o acelerado processo de industrialização de grande parte da Europa e o imaginário urbano da cidade levava um grande contingente a migrar para a cidade ou para outros países. (KUSHNIR, 1996).

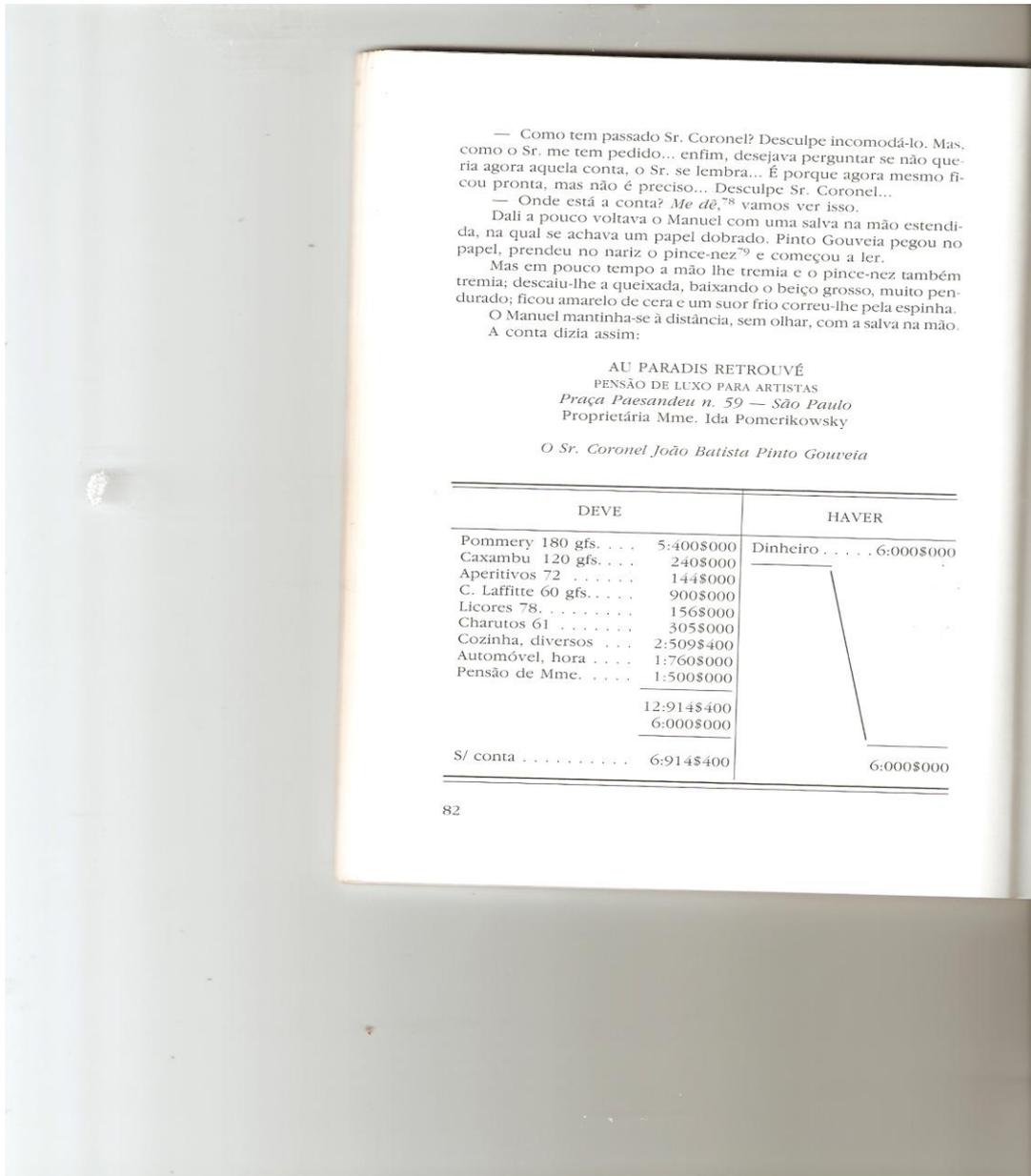
A chegada das polacas ao Rio de Janeiro se deu em fins do século XIX, por volta de 1867. De acordo com Gruman,

Em setembro de 1879, uma notícia do *Jornal do Commercio* dá conta de que o Dr. Félix da Costa, terceiro delegado de polícia, havia concluído um inquérito que objetivava identificar os indivíduos que exploravam a prostituição, prática conhecida por lenocínio, remetendo-o ao chefe de polícia da capital federal. Dentre as informações coletadas, verificou-se a existência de uma associação composta de judeus russos, alemães, austríacos e de outras nacionalidades que contratavam mulheres na Europa para o Brasil. (GRUMAN, 2006, p. 89).

Por parte da comunidade judaica, as chamadas judias polacas eram tratadas com exclusão, constituindo mesmo um “tabu na Comunidade Israelita” (KUSHNIR, 2007). No romance *Madame Pommery*, Hilário Tácito assim descreve a personagem que dá nome ao livro, a proprietária do *Paradis Retrouvé*:

A influência materna sobre Mme. Pommery limita-se, por conseguinte, aos caracteres contraditórios que lhe infundiu pela hereditariedade: disposições para a disciplina (resíduo atávico de clausuras antepassadas) e taras psicológicas de insofrível concupiscência. A parte do pai, judeu polaco, é bem mais considerável. Transmitiu-lhe o nariz adunco, estigma da raça, e, concomitantemente, o gosto das finanças, a cupidez e o faro mercantil. Além disso, educava-a. (TÁCITO, 1996, p.31).

Cabe destacarmos também que o livro de Tácito aponta para um caminho de estudo, mas que excede aos objetivos deste trabalho, qual seja, a questão do gênero literário, sendo este um romance escrito em forma de reportagem jornalística, inclusive, com técnicas que produzem um “efeito de real” (BARTHES, 1986), pois o autor incorpora no texto “notas fiscais de consumo” das personagens, as quais frequentam o Cabaré de Madame Pommery.



Em nossa leitura, buscamos entrelaçar a História das judias polacas no Brasil, nem sempre vitoriosa, com a judia polaca ficcionalizada por Hilário Tácito, buscando, assim, também uma leitura da expressão “Judia Polaca”, rótulo que designou as jovens que chegaram ao Brasil, mais especificamente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, conforme já nos referimos, anteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. O efeito de real. *Literatura e realidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*: Manaus, 1890-1920. Manaus: Valer, 1999.
- GRUMAN, Marcelo. A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positivista. In: *Campos*. Revista de Antropologia Social. Curitiba: UFPR, Vol, 7, N.1, 2006. p. 83-98
- KUSHNIR, Beatriz. Nomear é conhecer: as lápides das *polacas* no Cemitério Israelita de Inhaúma – um relato. In: *História, imagem e narrativas*. N. 5, ano 3, setembro/2007 <http://www.historiaimagem.com.br>. Acesso em 12/01/2011.
- KUSHNIR, Beatriz. Zonas de Solidariedade. In: www.revistadehistoria.com.br/capa/zonas-de-solidariedade.12/09/2007. Acesso em 12/01/2011.
- MENEZES, Lená Medeiros. 1992. *Os Estrangeiros e o Comércio do Prazer nas Ruas do Rio* (1890-1930). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, s/d.
- NASCIMENTO, Luciana Marino. *Entre Paris e Lisboa: a modernidade de Cesário Verde*. Campinas: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do IEL/UNICAMP, 2003.
- PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad. Philadelpho Menezes. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.
- RAGO, Margareth. O poder da prostituta na história e na literatura. In: VIANNA, Lucia Helena (Org.). *Seminário Nacional Mulher e Literatura, IV*. 1992, Niterói. *Anais...* João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF/ABRALIC, 1992. p. 80-88.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e os códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TÁCITO, Hilário. *Madame Pommery*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

Artigo recebido em fevereiro de 2012.
Artigo aceito em junho de 2012.